



A Santa Sé

DISCURSO DO PAPA LEÃO XIV

AOX PARTICIPANTES NOS SEGUINTE CAPÍTULOS GERAIS :

SOCIEDADE DAS MISSÕES AFRICANAS;

TERCEIRA ORDEM REGULAR DE SÃO FRANCISCO;

FORMADORES DOS SERVOS DO PARÁCLITO

Sala do Consistório

Sexta-feira, 6 de junho de 2025

[Multimídia]

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo!

A paz esteja convosco!

Amados irmãos e irmãs, bem-vindos!

Saúdo os Superiores-gerais presentes, especialmente quem acaba de ser eleito, os membros dos órgãos de governo e todos vós que pertenceis à *Ordem Terceira Regular de São Francisco* - quem é o novo Geral? Já foi reeleito? Ah, ainda não, bem, e também à *Sociedade das Missões Africanas* e ao *Instituto dos Servos do Paráclito*.

Muitos de vós vêm a este encontro no contexto do Capítulo geral, num momento importante da vossa vida e da vida de toda a Igreja. Por isso, rezemos em primeiro lugar ao Senhor pelos vossos Institutos e por todas as pessoas consagradas para que, «tendo Deus como único e principal objetivo, unam a contemplação - mediante a qual aderem a Deus com a mente e o coração - e o zelo apostólico, com que se esforçam por cooperar para a obra da redenção» (CONC. ECUM. VAT. II, Decr. *Perfectae caritatis*, 5).

Representais aqui três realidades carismáticas nascidas em diferentes momentos da história da

Igreja, em resposta a exigências contingentes de vários tipos, mas unidas e complementares na beleza harmoniosa do Corpo místico de Cristo (cf. Id., Constituição dogmática *Lumen gentium*, 7).

A fundação mais antiga, entre aquelas que estão aqui presentes, é a da *Ordem Terceira Regular de São Francisco*, cujos inícios remontam ao próprio Santo de Assis, exceto a sua elevação a Ordem, ocorrida mais tarde, por obra do Papa Nicolau V (cf. Bula *Pastoralis officii*, 20 de julho de 1447). Os temas que abordais no 113º Capítulo geral - vida comum, formação e vocações - dizem respeito a toda a grande Família de Deus. No entanto, é importante que, como diz o título que destes aos vossos trabalhos, os abordeis à luz do vosso carisma “penitencial”. Com efeito, ele recorda-nos que - segundo as palavras do próprio São Francisco - só através de um constante caminho de conversão podemos oferecer aos nossos irmãos «as palavras fragrantas de nosso Senhor Jesus Cristo» (*Primeira carta aos fiéis*, 19).

De data mais recente é a *Sociedade das Missões Africanas*, fundada a 8 de dezembro de 1856 pelo Venerável Bispo Melchior de Marion Brésillac, sinal daquela missionariedade que está no próprio coração da vida da Igreja (cf. FRANCISCO, Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, 273). Estimados irmãos, a história do vosso Instituto testemunha bem esta verdade: sim, a fidelidade à missão, levando-vos a superar ao longo do tempo mil dificuldades dentro e fora das vossas comunidades, permitiu-vos crescer, aliás, encontrando nas adversidades ocasião e inspiração para partir rumo a novos horizontes apostólicos, tanto na África como depois noutras partes do mundo. A este propósito, é belíssima a exortação que o Fundador vos deixou para permanecer fiéis no anúncio, à simplicidade da pregação apostólica e, ao mesmo tempo, sempre prontos a abraçar a “loucura da Cruz” (cf. *1 Cor* 1, 17-25): simples e tranquilos, até perante as incompreensões e zombarias do mundo. Livres de qualquer condicionamento, porque “cheios” de Cristo, e capazes de levar os irmãos ao encontro com Ele, porque animados por uma única aspiração: anunciar o seu Evangelho a todo o mundo (cf. *Fl* 1, 12-14.21). Que grande sinal para toda a Igreja e para o mundo inteiro!

E vejamos o Instituto mais recentemente fundado: os *Servos do Paráclito*. Servos daquele Espírito que habita em nós (cf. *Rm* 8, 9) mediante o dom do Batismo e que cura “*quod est saucium*” - isto é, o que está ferido - como cantaremos daqui a poucos dias na Sequência de Pentecostes. Servos do Espírito que cura: tal era o desejo do padre Gerald Fitzgerald, que em 1942 iniciou a vossa obra de assistência aos sacerdotes em dificuldade, “*Pro Christo sacerdote*”, como reza o vosso lema (cf. *Constituições*, 4, 4). Desde então, em várias partes do mundo, desempenhais o vosso ministério de proximidade humilde, paciente, delicada e discreta a favor de pessoas profundamente feridas, propondo-lhes percursos terapêuticos que combinam uma vida espiritual simples e intensa, pessoal e comunitária, com uma assistência profissional altamente qualificada, diferenciada segundo as necessidades. Também a vossa presença nos recorda algo importante: ou seja, que todos nós, embora chamados a ser para os irmãos e as irmãs ministros de Cristo, Médico das almas (cf. *Lc* 5, 31-32), somos, por nossa vez, doentes necessitados de cura. Como diz Santo Agostinho, recorrendo à imagem de um barco, todos nós

«temos nesta vida como que fendas próprias da nossa mortalidade e fragilidade, através das quais o pecado entra pelas torrentes deste século» (*Discurso 278*, 13, 13). E o Santo Bispo de Hipona propõe um remédio para o mal: «Para nos esvaziarmos e não afundarmos, diz, lancemos mão... desta exortação... Perdoemos!» (*ibid.*). Perdoemos, pois em toda a parte, «nas nossas paróquias, comunidades, associações e movimentos, em síntese, onde quer que haja cristãos, quem quer que seja [...] [possa] encontrar um oásis de misericórdia» (FRANCISCO, Bula *Misericordiae Vultus*, 11 de abril de 2015, 12).

Caríssimos, obrigado pela vossa visita que hoje, nesta sala, nos mostra a Igreja nas três dimensões luminosas da sua beleza: o compromisso da conversão, o entusiasmo da missão e o calor da misericórdia. Obrigado pelo grande trabalho que realizais, no mundo inteiro. Abençoo-vos e rezo por vós, nesta novena de Pentecostes, a fim de que possais ser instrumentos cada vez mais dóceis do Espírito Santo, em conformidade com os desígnios de Deus. Obrigado!

Copyright © *L'Osservatore Romano*

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana